

## Capítulo 1

### ROMA ANTIGA

Existe um fluxo para a História e para a cultura. E o modo de pensar das pessoas é o fundamento e a fonte deste fluxo. As pessoas são únicas no mundo interior da mente – o que elas são em seu mundo de pensamentos determina como elas agem. Isso é verdade tanto para o seu conjunto de valores quanto o é para a sua criatividade. É verdade para as suas ações coletivas, tais como suas decisões políticas, e é verdade para a sua vida pessoal. As consequências da sua visão de mundo fluem por entre os seus dedos ou por meio da sua língua em direção ao mundo de fora. É verdade tanto para o formão de Michelangelo quanto para a espada de um ditador.

Todas as pessoas têm seus pressupostos, e elas vão viver do modo mais coerente possível com estes pressupostos, mais até do que elas mesmas possam se dar conta. Por *pressupostos* entendemos a estrutura básica de como a pessoa encara a vida, a sua visão de mundo básica, o filtro através do qual ela enxerga o mundo. Os pressupostos apoiam-se naquilo que a pessoa considera verdade acerca do que existe. Os pressupostos das pessoas funcionam como um filtro, pelo qual passa tudo o que elas lançam ao mundo exterior. Os seus pressupostos fornecem ainda a base para seus valores e, em consequência disto, a base para suas decisões.

“Da maneira que pensa, um homem é” é de fato muito profundo. Um indivíduo não é o mero produto das forças a seu redor. Ele tem uma mente, um mundo interior. Então, tendo pensamentos, uma pessoa pode agir no mundo exterior, exercendo influência sobre ele. As pessoas estão prontas para olhar para o palco externo das ações, esquecendo-se do sujeito “que vive na sua mente” e que, portanto, é o sujeito que de fato age no mundo exterior. É o mundo interior dos pensamentos que determina a ação externa.

A maioria das pessoas “pega” seus pressupostos do contexto familiar e da sociedade circundante, da mesma maneira que uma criança “pega” sarampo. Entretanto, as pessoas um pouco mais esclarecidas percebem que os seus pressupostos devem ser escolhidos após uma cuidadosa consideração de qual visão de mundo é verdadeira. Quando isso tiver sido feito, quando todas as alternativas tiverem sido exploradas, “não vai sobrar ninguém pra contar História” – isto é, embora haja grande variedade de visões de mundo, não há muitas visões de mundo ou pressupostos básicos. Estas opções básicas ficarão evidentes ao analisarmos o fluxo da História.

Para entendermos onde estamos no mundo de hoje – em nossas ideias intelectuais e em nossa vida cultural e política – é preciso seguir três linhas distintas na História, que são a filosofia, a ciência e a religião. A filosofia busca respostas intelectuais para questões básicas. A ciência divide-se em duas partes: a primeira trata das manifestações do mundo físico, a segunda da posterior aplicação prática das suas descobertas no campo tecnológico. A direção tomada pela ciência é determinada pela visão de mundo filosófica dos cientistas. As visões de mundo religiosas das pessoas também determinam os rumos de suas vidas individuais e da sua sociedade.

Ao tentar aprender lições acerca dos problemas primordiais que estamos vivendo hoje, olhando para a História e considerando o seu fluxo, poderíamos partir dos gregos, ou mesmo de antes dos gregos. Poderíamos retornar aos três grandes rios representativos das principais correntes culturais da Antiguidade: o Eufrates, o Indo e o Nilo. Contudo, partiremos dos romanos (com a influência grega por trás deles), já que a civilização romana é o antepassado direto do mundo ocidental de hoje. Das primeiras conquistas da República Romana até os nossos dias, a lei romana e as ideias políticas têm tido uma forte influência no cenário da Europa e de todo o mundo ocidental. Por onde quer que a civilização ocidental tenha ido, ela foi marcada pelos romanos.

Roma foi grandiosa de diversas formas; porém, ela não tinha respostas reais para os problemas básicos que toda a humanidade enfrenta. Muito do pensamento romano e de sua cultura foi moldado pelo pensamento grego, principalmente depois da submissão da Grécia à lei romana, em 146 a.C. Primeiro os gregos tentaram construir a sua sociedade com base na cidade-Estado, ou seja, na *polis*. A cidade-Estado compunha-se, tanto na teoria quanto na prática, por todos aqueles que eram aceitos como cidadãos. Todos os valores só tinham sentido se referentes à *polis*. Tanto que, quando Sócrates (469?-399 a.C.) teve de optar entre a morte e o exílio daquilo que dava sentido a ele, ele escolheu a morte. Mas a *polis* fracassou, já que provou ser base insuficiente para a construção de uma sociedade.

Os gregos e mais tarde igualmente os romanos tentaram construir uma sociedade com base em seus deuses. Mas estes deuses não eram grandes o bastante, porque eram finitos, limitados. Mesmo todos os deuses juntos não eram infinitos. Na verdade, os deuses do pensamento grego e romano eram muito semelhantes a homens e mulheres acima do comum, mas não essencialmente diferentes dos homens e mulheres humanos. Para citar um exemplo entre milhares, podemos pensar na estátua de Hércules, parado, urinando embriagado. Hércules era o deus patrono da cidade de *Herculaneum*, que foi destruída na mesma época que Pompeia. Os deuses eram uma espécie de humanidade ampliada, não divindades. Como os gregos, os romanos não tinham um deus infinito. Assim sendo, eles não tinham nenhum ponto de referência suficiente, do ponto de vista intelectual; isto é, eles não tinham nada que fosse suficientemente grande ou suficientemente permanente a que pudessem prender o seu pensamento, ou a sua vida. Consequentemente, o seu sistema de valores não era suficientemente forte para fazê-los suportar os desafios da vida, tanto individual quanto política. Todos os seus deuses juntos não podiam fornecer uma base suficiente para a vida, a moral, os valores e as decisões finais. Aqueles deuses dependiam da sociedade que os havia criado, e quando esta sociedade entrou em colapso, os deuses caíram junto com ela. Assim, os experimentos gregos e romanos de harmonia social (que se apoiava numa república elitista) falharam no fim.

Nos tempos de Júlio César (100-44 a.C.), Roma adotou um sistema autoritário centrado no próprio César. Antes dos tempos de César, o senado não podia manter a ordem. A cidade de Roma estava sendo aterrorizada por gangues armadas, e os expedientes normais do governo eram constantemente atrapalhados, uma vez que forças rivais disputavam o poder. Os interesses pessoais passaram a ser mais importantes do que o interesse social, por mais sofisticadas que fossem as manobras. Assim, desesperadas, as pessoas aceitaram o governo autoritário. Como Plutarco (50?-120 a.C.) formulou em *Vida dos nobres gregos e romanos*, os romanos fizeram de César um ditador vitalício “na esperança de que o governo de uma só pessoa pudesse lhes dar um tempo para respirar, depois de tantas guerras e calamidades civis. Esse foi de fato um ato de tirania declarada, já que o seu poder não era agora só absoluto, mas também perene”.

Depois da morte de César, Otávio (63 a.C.-14 d.C.), mais tarde chamado César Augusto, sobrinho-neto de César, subiu ao poder. Ele havia se tornado filho de César por adoção. O grande poeta romano Virgílio (79-19 a.C.), que era amigo de Augusto, escreveu a *Eneida* com a finalidade de provar que Augusto era um líder divinamente indicado e que a missão de Roma era trazer paz e civilização ao mundo. Por Augusto ter estabelecido a

paz externa e internamente e por ter mantido todas as formalidades externas de constitucionalidade, romanos de todas as classes dispuseram-se a lhe conceder poder total para restaurar e assegurar o funcionamento do sistema político, dos negócios e de assuntos relativos à vida cotidiana. Após 12 a.C. ele se tornava o cabeça da religião oficial do Estado, assumindo o título de *Pontifex Maximus* e encorajando todos a adorarem o “espírito de Roma e o gênio do imperador”. Mais tarde isso viria a se tornar obrigatório para todas as pessoas do Império e, depois disso, os imperadores passaram a governar como deuses. Augusto procurou legislar sobre a vida familiar e a moral; os imperadores subsequentes tentaram admiráveis reformas legais e programas de bem-estar social. Acontece que um deus humano é um alicerce fraco – e Roma caiu.

É importante notar a diferença que faz a visão de mundo das pessoas nas forças que elas manifestam à medida que são expostas às pressões da vida. O fato de terem sido os cristãos capazes de resistir às misturas e sincretismos religiosos e aos efeitos da fraqueza da cultura romana é prova da força da visão de mundo cristã. Tal força repousava no fato de Deus ser um Deus infinito-pessoal e no que ele diz no Antigo Testamento, na vida e nos ensinamentos de Jesus Cristo e no Novo Testamento que estava em gradual desenvolvimento. Ele havia falado de maneira que as pessoas podiam entender. Desse modo, os cristãos não apenas tinham um conhecimento sobre o universo e a humanidade que as pessoas não conseguiam obter por si mesmas, como também tinham valores universais e absolutos, pelos quais deviam viver e pelos quais deviam julgar a sociedade e o Estado político em que viviam. E tinham fundamentos para atribuir dignidade e valor essencial ao indivíduo, enquanto ser único, feito à imagem de Deus.

Talvez ninguém tenha apresentado mais vividamente à nossa geração a fraqueza da Roma Imperial do que Fellini (1920-1994) em seu filme *Satyricon*. Ele nos lembrou que o mundo clássico não deve ser romantizado, pois ele era tão cruel quanto decadente, à medida que chegava à conclusão lógica da sua visão de mundo.

Uma cultura ou indivíduo com bases fracas só pode manter-se em pé se a pressão não for muito grande. Para efeito de ilustração, imaginemos uma ponte romana. Os romanos construíram pequenas pontes côncavas sobre grande parte dos rios da Europa. Há séculos, ou melhor, há dois milênios, milhares de pessoas e carros passam por sobre estas estruturas. Mas se alguém fosse atravessá-las hoje com caminhões fortemente carregados, elas não resistiriam. E a mesma coisa acontece com as vidas e sistemas de valores das pessoas e das culturas que não têm base mais forte sobre a qual edificar do que a sua própria limitação. Elas até conseguem resistir

a pressões não muito grandes, mas quando as pressões se acumulam, se *então* elas não têm base suficiente, acabam desmoronando – precisamente como uma ponte romana desmoronaria debaixo do peso de um caminhão de seis eixos. A cultura e as liberdades das pessoas são frágeis. Se não houver base suficiente quando pressões como estas vêm, é uma questão de tempo – e muitas vezes não muito tempo – até o colapso.

O Império Romano era grande em tamanho e força militar. Ele se estendia por grande parte do mundo então conhecido. Suas estradas passavam por toda a Europa, Oriente Próximo e norte da África. O monumento em homenagem a César Augusto que se localiza em Turbi (pouco acima da atual Monte Carlo) é um memorial ao fato de ele ter aberto estradas por todo o Mediterrâneo e de ter derrotado os orgulhosos gauleses. Numa direção da expansão do Império Romano, as legiões romanas passaram pela cidade romana Augusta Praetoria, situada ao norte da Itália, e que hoje se chama Aosta; cruzaram os Alpes, descendo até o Vale do Ródano, na Suíça, passando os picos de Dents du Midi, chegando até um lugar que hoje se chama Vevey. Os helvécios, que eram descendentes dos celtas e os principais habitantes do que é hoje a Suíça, conseguiram dominá-los por algum tempo, fazendo os orgulhosos romanos ficarem sob o seu jugo. Em um quadro que agora está exposto no museu de arte de Lausanne, o pintor suíço Charles Gleyre (1806-1874) retratou os soldados romanos derrotados, com suas mãos amarradas atrás das costas, fadados a se curvar ao mais humilhante jugo. Entretanto, tudo isso foi temporário. Não havia praticamente nada que fosse capaz de deter as legiões romanas – nem a topografia difícil, nem as brigadas inimigas. Depois que os romanos haviam passado pela região onde temos hoje St. Maurice e os picos de Dents du Midi, circundando as proximidades do Lago de Genebra rumo à atual Vevey, eles marcharam por sobre as montanhas, conquistando a antiga capital helvécia, Aventicum, hoje chamada de Avenches.

Eu amo Avenches. Ela tem algumas das minhas ruínas romanas favoritas, localizadas ao norte dos Alpes. Diz-se (embora eu considere a estimativa alta) que já houve tempo em que 40.000 romanos viviam lá. Hoje as ruínas das paredes romanas se erguem em meio aos ventos úmidos do outono. Pode-se imaginar um legionário romano que tenha se arrastado de casa, vindo da vastidão do norte, escalando o monte e olhando para baixo, em direção a Avenches – a pequena Roma, como era chamada, com o seu anfiteatro e o seu templo. A opulência de Roma estava em Avenches, como podia ser visto no busto dourado de Marco Aurélio encontrado lá. O Cristianismo estava penetrando gradualmente na romana Avenches. Sabemos disso estudando o cemitério daquele tempo – os romanos queimavam os seus mortos, e os